

BILINGUISMO: O QUE DIZEM ALGUNS PROFESSORES DE SURDOS?

Walber Christiano Lima da Costa¹
Gabrielle Janaina Barros de Menezes²
Rennan Alberto dos Santos Barroso³

O presente artigo objetiva apresentar reflexões acerca do que pensam alguns professores de surdos em relação ao bilinguismo. Esta proposta educacional, consideramos ser a mais adequada para as pessoas surdas, entretanto sabemos que muitas lacunas precisam ser preenchidas para a alcançarmos de forma efetiva. Para este estudo em primeiro momento nos embasamos em autores da educação de surdos, especialmente aos que defendem o bilinguismo como caminho favorável para os surdos. Em segundo momento realizamos uma pesquisa de campo onde entrevistamos 4 (quatro) educadoras que atuam com surdos afim de buscarmos sobre o que pensam estas professoras. Como resultados, constatamos que estas entendem que a proposta bilíngue é o melhor caminho, porém a falta de tempo e de conhecimento sobre o bilinguismo são as maiores dificuldades para sua implantação. Verificamos ainda que muitas instituições não estão preparadas para o atendimento bilíngue, o que deve estar trazendo prejuízos para a educação dos surdos.

Palavras-chave: Bilinguismo. Surdos. Educação.

INTRODUÇÃO

A educação de surdos passa por transformações significativas em nossa sociedade. Tais mudanças podemos considerar recentes, haja vista que a partir dos adventos das principais legislações brasileiras⁴ que versam sobre a educação de surdos é que podemos observar em nível social que o surdo começou a ganhar voz na sociedade.

A Língua Brasileira de Sinais – Libras enquanto forma de comunicação e expressão das comunidades surdas brasileiras precisa ser valorizada em sociedade, haja vista que cumpre o papel fundamental no desenvolvimento psicossocial das pessoas surdas do país. Porém, sabemos que o Brasil apresenta a Língua Portuguesa (LP) enquanto língua oficial e nativa dos ouvintes que em número de habitantes são maioria do país. Tal fato faz com que o surdo precise se apropriar desta Língua como sua segunda (L2).

¹Doutorando em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA). Mestre em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA). Professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). E-mail: walber@unifesspa.edu.br

²Mestranda em Educação em Ciências e Matemática (UNIFESSPA). Professora da Rede Municipal de Marabá-PA. E-mail: Janaina.menezes@unifesspa.edu.br

³Especialista em Educação Especial e Inclusiva. Professor efetivo da Rede Estadual de Educação do Maranhão.

⁴ Consideramos neste artigo algumas leis da legislação brasileira que contribuíram para a educação de surdos, as que surgiram após a constituição brasileira de 1988, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei 9394 de 1996, Lei 10436 de 2002, Decreto 5626 de 2005 e A Lei Brasileira de Inclusão – Lei 13146 de 2015.

A partir dos aspectos citados no parágrafo anterior é que iniciam os desafios das pessoas surdas, pois a LP é de uma modalidade diferente da Libras. Enquanto a LP é da modalidade oral, auditiva e escrita, a Libras é visuogestoespacial e ainda não apresenta de forma oficial uma escrita⁵.

Ao longo da história mundial e no Brasil consequentemente, diversas modalidades e filosofias de ensino se apresentaram como propostas a ajudarem ao desenvolvimento da educação de surdos. O oralismo foi a primeira e oficializada em 1880 no Congresso de Milão apresentou uma proposta que vinha contra os princípios que valorizavam as Línguas de Sinais⁶ e o oralismo puro ainda trazia a nuance de proibição de uso de sinais. A comunicação Total veio buscar corrigir algumas vulnerabilidades do método oral, fazendo uma abertura ao uso de sinais e outros recursos no ensino de surdos.

A partir da década de 1960, houve uma mudança significativa de quadro. Vários pesquisadores lançaram estudos científicos (STOKOE, 1960; BATTISON, 1974; BAKER e PADDEN, 1978) que buscavam valorizar o entendimento de que o sujeito surdo é igual ao ouvinte, apenas o diferenciando pela questão auditiva. Tal pensamento ajudou de forma social minimizarem os estigmas do sujeito surdo enquanto doente, e sim valorizando este surdo como um ser diferente.

O Estudo de Stokoe (1960) apresenta que a Língua de Sinais Americana (ASL) possui parâmetros linguísticos assim como qualquer língua oral, ou seja, apresenta níveis linguísticos e proporciona a criatividade e a produtividade capaz de serem formalizadas infinitas de sentenças. Assim o autor concluiu que tudo pode ser expresso pelas Línguas de Sinais. Tal resultado científico foi um dos maiores impulsionadores que ajudaram as Línguas de Sinais a ganharem o *status linguístico* que possuem até hoje, bem como, no Brasil, influenciou o reconhecimento da Libras .

Assim, no cenário educacional brasileiro hoje temos duas línguas presentes na educação de surdos: a Libras enquanto língua oficial do surdo que deve ser a primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa (L2) que é da maioria ouvinte. Estas duas línguas participam do

⁵Enquanto autores e pesquisadores da educação de surdos, sabemos da existência da escrita de sinais, o chamado *SignWriting*. Porém, enquanto legislações e cultura, esta escrita ainda não está normatizada e nem totalmente difundida entre os usuários da Libras.

⁶ À época os oralistas nem acreditavam na existência de uma Língua ou de Língua de sinais. Alguns argumentavam que os sinais apenas eram recursos que não faziam sentido e não tinham uma estrutura própria.

cenário bilíngue que deve ser o favorável ao surdo. Entretanto, sabemos que devido a diversas barreiras e impedimentos, este cenário não está tão favorável ao surdo e a proposta bilíngue não está sendo implementada de forma adequada.

Assim, o presente artigo objetiva apresentar reflexões acerca do que pensam alguns professores de surdos em relação ao bilinguismo.

O BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Antes de nos adentrarmos nas discussões teóricas acerca do bilinguismo, entendemos se fazer necessário apresentar o sujeito surdo a partir da perspectiva socioantropológica. Sobre este tema, Sá (1999) destaca que:

O objetivo de considerar, no estudo da problemática do surdo, a questão cultural, não é o de incentivar a criação de grupos minoritários à margem da sociedade, mas justamente o contrário, ou seja, o de considerar a diferença lingüística como necessária para possibilitar o desenvolvimento normal da cognição, da subjetividade, da expressividade e da cidadania da pessoa surda (SÁ, 1999, p. 157-158).

Assim, entendemos que o sujeito surdo é dotado das mesmas características do sujeito ouvinte, apenas se diferenciando pela especificidade do ser surdo. Porém, acreditamos ainda que na dimensão socioantropológica, devemos observar o surdo com possibilidades a serem respeitadas, haja vista que a partir do respeito à sua cultura, o mesmo tende a se desenvolver de forma diferenciada, pois a partir da sua especificidade de ser surdo, este desenvolve diversas habilidades como por exemplo a visão. Assim, vemos que muitos surdos tem as experiências de vida adquiridas a partir do sentido da visão de forma mais aprofundada.

Muitos surdos brasileiros são filhos de famílias ouvintes, o que torna para alguns surdos dificultoso o cenário do aprendizado da Libras, pois tais famílias muitas vezes desconhecem a língua e fazem com que ocorra um isolamento do surdo tanto no cenário familiar quanto no social. Assim, vemos que para que ocorram cenários bilíngües favoráveis aos surdos, torna-se necessário a família inicialmente poder se apropriar desta Língua como forma de impulsionar seus filhos a terem maior socialização. Para Fernandes (2005, P. 28), “O Bilinguismo, entre tantas possíveis definições, pode ser considerado: o uso que as pessoas

fazem de diferentes línguas (duas ou mais) em diferentes contextos sociais”. A autora ainda destaca que no caso das pessoas surdas, o bilinguismo se apresenta com a forma de duas Línguas de modalidades diferentes, no caso do Brasil, a Libras e a Língua Portuguesa.

De acordo com Botelho (2005):

A educação bilíngue propõe que os processos escolares aconteçam nas escolas de surdos, obviamente não segundo o modelo clínico-terapêutico, ainda oferecido. Reconhece as intensas dificuldades e problemas do surdo em classe com estudantes ouvintes, e não há adesão às propostas de integração e de inclusão escolar (BOTELHO, 2005, p. 111-112).

Assim, podemos entender a educação bilíngue como uma proposta que tende a atender melhor as necessidades educacionais dos surdos, pois oportuniza o uso de sua língua natural, a L1 e também traz a necessidade do uso da Língua do país que no caso para este sujeito é a L2.

Conforme destaca Fernandes (2003):

Vislumbramos a educação bilíngue para surdos como o espaço de aproximação entre diferentes socioculturais de grupos distintos, relevando as práticas de exclusão, rejeição, preconceito e marginalização a que os surdos estiveram relegados historicamente. Precisamos entender a educação bilíngue como uma proposta para fazer valer politicamente a voz da comunidade surda, seus direitos e anseios (que não são homogêneos), em um projeto educacional que construa novas práticas de significação da surdez (FERNANDES, 2003, p. 5-6).

Assim, podemos inferir que para que o bilinguismo possa ocorrer de forma eficiente para os surdos, devemos observar além da questão linguística, ou seja, devemos pensar a educação de surdos como um todo, observando as políticas educacionais, as metodologias adotadas de ensino, e acima de tudo, entender o surdo não como a pessoa que apresenta a perda auditiva, mas sim um cidadão que se apresenta em sociedade com uma língua diferente mas que apresenta as mesmas capacidades e possibilidades que as demais pessoas do país.

Sabemos que alguns embaraços atrapalham a pessoa surda neste processo de educação bilíngue. Consideramos que o principal problema é o fato de que a Libras apesar de ser oficializada pela legislação vigente e ser difundida pela sociedade, ainda há inúmeras pessoas que atuam com surdos que desconhecem essa língua, o que faz com que muitos surdos não tenham a oportunidade de conhecer sua própria língua mais cedo possível. Tal situação tende a trazer situações desagradáveis para os surdos.

Lacerda e Lodi (2014) dissertam que:

Quando se opta pela inserção do aluno na escola regular, esta precisa ser feita com cuidados que visem garantir sua possibilidade de acesso aos conhecimentos que estão sendo trabalhados, além do respeito por sua condição linguística e, portanto, de seu modo peculiar de ser no mundo (LACERDA e LODI, 2014, p. 15).

Tal situação citada pelas autoras tem criado diversos empecilhos que prejudicam o desenvolvimento e a aprendizagem dos surdos, pois muitas escolas não estão adequadas para o lidar diário com o surdo, onde muitos profissionais que atuam com esses alunos não são usuários da Libras.

METODOLOGIA

Para este estudo o método escolhido para alcançar o objetivo foram os pressupostos da Fenomenologia. Para Husserl (1965) a pesquisa que utiliza o método fenomenológico se preocupa com a descrição direta da experiência como ela é, sendo a realidade construída socialmente e entendida da forma que é interpretada. Assim, para o autor a realidade não é única, existem tantas quantas forem suas interpretações. Consideramos que este método é o que mais se aproxima para a visualização e alcance de nosso objetivo, como já exposto, que é apresentar reflexões acerca do que pensam alguns professores de surdos em relação ao bilinguismo.

A pesquisa se deu em uma Escola de Ensino Fundamental e Médio e que tem Atendimento Educacional Especializado para pessoas surdas da Cidade de Belém do Pará. A entrevista ocorreu em uma sala dessa escola onde participaram as quatro professoras participantes ao mesmo tempo. Utilizamos a técnica de Grupo Focal, pois entendemos que esta técnica de análise qualitativa ajudaria a buscarmos resultados mais coerentes a nossa proposta textual. Para Gondim (2003):

o moderador de um grupo focal assume uma posição de facilitador do processo de discussão, e sua ênfase está nos processos psicossociais que emergem, ou seja, no jogo de interinfluências da formação de opiniões sobre um determinado tema. Os entrevistadores de grupo pretendem ouvir a opinião de cada um e comparar suas respostas; sendo assim, o seu nível de análise é o indivíduo no grupo. A unidade de análise do grupo focal, no entanto, é o próprio grupo. Se uma opinião é esboçada, mesmo não sendo compartilhada por todos, para efeito de análise e interpretação dos resultados, ela é referida como do grupo (GONDIM, 2003, p. 151).

A escolha da escola e dessas educadoras se deu pois as mesmas trabalham com alunos surdos na escola. Como preparação da entrevista na forma do grupo focal, fizemos inicialmente uma visita à escola e dialogamos com as professoras sobre a proposta e na segunda visita se deu a entrevista. A entrevista foi gravada e no tópico a seguir segue a descrição na sequência em que se deram as perguntas e respostas respectivamente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para mantermos o sigilo das participantes de nossa entrevista, codificamos o nome das mesmas com letras do alfabeto, a saber A, B, C e D. A seguir, apresentamos as respostas na íntegra conforme os pressupostos fenomenológicos. Ressaltamos ainda que a sequência das respostas está sendo exibida da forma como as informações foram gravadas e transcritas.

Pesquisadores: Podem nos apresentar algumas informações sobre a educação bilíngue?

A: formação ou informações ?

Pesquisadores: Informações sobre a educação bilíngue.

A: Sim, informações temos.

B: Acho assim... é mais a gente buscar, mas não é oferecido pelo Estado. A gente trabalha aqui na escola com surdo e agora que estamos tentando colocar uma HP que ainda tá muito confusa, né. E é a gente que vai buscando, procurando ler alguma coisa e pronto porque temos que se situar né. Mas... assim...se depender do estado, se depender da organização agora do momento, a gente não vai ter as informações assim não.

A: Essas informações da escola bilíngue, você vê na especialização, né, que era uma especialização de Libras então era voltada para a gente discutir muito essa questão de uma escola bilíngue e hoje em dia vivendo aqui na escola, é uma perspectiva que nós queremos implementar...o bilinguismo aqui e ainda estamos caminhando para isso...ainda não está implementada. Nós estamos no caminho...estamos tentando.

C: Inclusive essa questão da escola bilíngue, ela é objeto de nossa reflexão nas reuniões que nós realizamos quando a gente discute

alfabetização. Que alfabetização nós estamos desenvolvendo com eles? Inclusive esse foi dos objetos das nossas reflexões como de fato implementar e desenvolver essa educação bilíngue aqui na escola. Ela é objeto das nossas leituras tanto na especialização quanto aqui dentro das nossas discussões e nas nossas reuniões.

D: Em relação a isso né, a gente...nós estamos nos propondo a transformar esse espaço como espaço bilíngue. Mas esse tema ao meu ver é muito obscuro, porque a gente vê que se fala, se fala, se fala, mas o quê se tem de concreto? Bom, a gente sabe que o bilinguismo...a gente tá falando de bilinguismo surdo que é uma coisa assim muito restrita...mas o bilinguismo é um fenômeno mundial, né? É um fenômeno de mudança, de cultura de povos, que por necessidades tiveram que ir de uma cultura pra outra ou espontaneamente ou obrigados, tiveram que aprender uma segunda língua. Mas apesar da busca, Para mim não é claro porque a gente busca o que fazer, mas a gente não tem os instrumentos que a gente vislumbra para fazer.

B: Eu acho mais difícil ainda colocar tudo que a gente pensa que a gente quer, o que seria uma coisa ideal justamente pelo fato de ser EJA porque já vem com uma formação. Ele é um adulto é uma pessoa que está numa idade avançada, aí pra tentar reorganizar essa estrutura, fazer essa nova adaptação não é fácil. É complicado.

Pesquisadores: Bom, agora o tema é sobre instituição. No caso aí se alguma achar que completou (risos das entrevistadas)...por que não é específico de cada uma, mas por exemplo qual a filosofia da escola?

A: A bilíngue...bom se busca né.

Pesquisadores: Busca-se a educação bilíngue, mas ela ainda não está implantada certo? Então, qual a filosofia que permanece? É um trabalho que tem com base que autores ou qual concepção de educação?

D: Uma boa pergunta!

A: É o que eu vejo aqui até mesmo pelo PPP é o Paulo Freire...uma concepção de Paulo Freire libertadora...é que nós estamos juntos, aí a gente usa Paulo Freire e também traz autores do bilingüismo. Estamos tentando andar nesse caminho, a gente está em estudo ainda, em organização se reunindo pra nós fazermos de fato uma educação bilíngue...uma educação transformadora que auxilie o aluno.

Pesquisadores: E como é que é realizado o atendimento educacional do aluno surdo? Como se dá o processo? Ele chega na instituição e

no caso aqui é. Por exemplo, um aluno da EJA... Chega o adulto aqui como é?

D: Pois é... em relação ao EJA era bom conversar com a equipe técnica da noite porque eu sou professora e sou técnica na escola no outro turno, mas é bom conversar com o pessoal do noturno com a (Citou nome de uma professora que não fez parte das entrevistadas) que ela é a pessoa que ela faz a organização.

B: Essa Entrevista todinha e com professor? Mesmo que seja de outra instituição.

Pesquisadores: É. É.

B: Então a gente pode responder mesmo (citando a colega A).

Pesquisadores: É assim, por exemplo, o aluno chega aí ele é encaminhado pro servidor técnico, ou se ele vai com o professor e depois o professor é quem encaminha...

C: Não! É assim, no caso nós temos um horário de aula...ela pode pegar ali...(nesse momento ela nos apresenta o horário de aula dela), aí nesse horário de aula cada professor é responsável por uma disciplina. Então a noite geralmente troca duas no máximo três vezes de professor matemática...aí dou aula de matemática, ela dá de ciências, geografia e português. Aí tem o professor de artes, de educação física e o de Libras. Então o aluno tem toda uma estrutura pra cada dia, cada dia uma atividade diferente que ele faz de segunda à sexta. Assim que é estruturado...agora é claro que quando o aluno faz a matrícula, ele passa por uma anamnese, conversa com os técnicos. Ah, temos também uma psicóloga na instituição e o aluno é encaminhado pra fazer os exames necessários. Se não tiver encaminhado pra questão da bolsa, ainda fazemos alguns esclarecimentos porque muitos não tem conhecimentos de todos os direitos que possuem, mas de modo geral e superficial assim que estou lhe explicando.

Pesquisadores: É assim que a gente quer.

D: E também a questão da documentação dele o quê ele traz? Por exemplo: Tem aluno que chega que já tá no nível da 2ª etapa e a gente olhar e verifica que ele não tá alfabetizado, que ele precisa de mais tempo que não tá no tempo daquela série, mas se ele apresentou um documento que ele tá na etapa em questão é para lá que ele vai.

B: De modo geral é assim que é organizado o turno da noite.

D: É olhando essa documentação também por onde ele passou se ele já tem experiência de escola se ele já cursou algum nível de ensino pra poder fazer essa organização da enturmação.

Pesquisadores: Aí o local...não tem uma sala de recursos? É a sala de aula comum?

C: É...todas as salas, são salas de aulas e os recursos estão em todas as salas

B: Cada professora tem o seu recurso pra utilizar na sua disciplina. Por exemplo: eu tenho meu armário com meu material ela constrói muito material (citando a colega A), ela também constrói muito (citando a colega B) e é assim que funciona. Cada professora carrega seu material levando nas salas.

Pesquisadores: E o tempo de atendimento no caso...aí está na turma regular não é uma sala específica com o tempo determinado?

PROFESSORAS (De forma unânime): não, não é!

Analisando a entrevista que ocorreu com a presença dos pesquisadores e das professoras no mesmo cenário, percebemos que o tema bilinguismo precisa ser melhor esclarecido, tanto na esfera da sala de aula, para as próprias professoras quanto na organização institucional, pois o que pode estar havendo é um “pseudobilinguismo”, ou seja, observa-se que tem a Libras de forma insuficiente para o surdo, tem-se a Língua Portuguesa de forma natural, pois as docentes são ouvintes e as mesmas não apresentam fluência na Libras e nem a instituição apresenta uma proposta clara em relação ao ensino e uso da Língua de Sinais.

Chamou-nos atenção quando a entrevistada A relatou que ouviu sobre bilinguismo, Libras na especialização, ou seja, percebe-se aí que a mesma teve somente estas informações na etapa nominada de formação continuada. Assim, gera-nos uma reflexão: a importância da formação continuada na educação de pessoas surdas, porém também nos chama a reflexão de que a mesma não teve essas informações durante a formação inicial, o que é contra a legislação vigente. Acerca disso, vemos Costa (2017) que destaca que na formação de professores que atuam com alunos surdos, faz-se necessário um esforço diário, haja vista que são diversos surdos diferentes e as formações iniciais muitas vezes não dão conta de esclarecer acerca das particularidades identitárias dos sujeitos.

Outro item que nos chamou atenção e que nos faz apresentar esta discussão é que ao questionarmos sobre a questão do surdo na EJA, as docentes desconhecem como ocorre o trabalho na escola, porém citaram o exemplo que conhecem a partir de outras instituições. Ficou ali implícito que as mesmas não tem atuação com surdos adultos. Tal situação nos faz lembrar de Barroso *et al* (2016) quando os autores discutem sobre o ensino de Libras para surdos adultos e apresentam diversas estratégias que venham proporcionar um ensino e aprendizagem de mais qualidade para este público.

A partir da entrevista e de nossas reflexões, percebemos que o bilinguismo enquanto tema nas escolas deve ainda estar trazendo algumas inquietações, dúvidas. Costa (2017, p. 40) ainda faz uma reflexão que deve ser observada: A diferença entre escola bilíngue e bilinguismo na escola. Escola Bilíngue é a proposta que muitos surdos e entidades de surdos almejam que é uma escola especial que seja de exclusividade para os surdos e suas demandas. Já bilinguismo na escola é a proposta comumente encontrada em algumas instituições e que nos levou a produção deste texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo objetivou apresentar reflexões acerca do que pensam alguns professores de surdos em relação ao bilinguismo. Para este estudo utilizamos o método a partir dos pressupostos da Fenomenologia (HUSSEL, 1965). A partir dos resultados chegamos às conclusões de que as professoras entrevistadas entendem que a proposta bilíngue é o melhor caminho a ser utilizado na educação de surdos, porém a falta de tempo e de conhecimento sobre o bilinguismo são as maiores dificuldades para sua implantação. Diversas pesquisas realizadas no país por pesquisadores da área, como Fernandes (2003), Lacerda e Lodi (2014), Lacerda e outros já citados neste texto, tem mostrado que muitas instituições não estão preparadas para o atendimento bilíngue, o que está trazendo prejuízos na educação dos surdos.

Sabemos que é apressado fazer conclusões gerais a partir de um grupo pequeno de docentes, porém a partir das outras pesquisas já publicadas e de nossas experiências vivenciadas em outras instituições, percebemos que estes resultados poderiam não variar se buscássemos docentes de outras instituições, o que nos leva a triste reflexão que a educação bilíngue de surdos precisa urgentemente de um choque de realidade com a legislação vigente

para que sejam adotadas propostas sérias que proporcionem melhor aprendizado para os surdos.

Assim, sugerimos ainda que novos estudos sobre esta temática possam ser desenvolvidos e principalmente, haja intervenções que possam mudar este cenário que consideramos lamentável para este público. A partir deste texto, motivamo-nos a ainda mais nos debruçarmos em leituras da área para podermos contribuir e pelo menos minimizarmos as problemáticas detectadas.

REFERÊNCIAS

BAKER, C.; PADDEN, C. **Focusing on the nonmanual components of American Sign Language**. In P. Siple (ed.) *Understanding language through sign language research*. Academic Press, New York, USA, 1978, 27-57.

BARROSO, Rennan Alberto dos Santos; PEREIRA, Danielle Natércia de Moraes; FERREIRA, Crissiane da Silva; COSTA, Walber Christiano Lima da. **Ensino de Libras como primeira língua (L1): reflexões sobre as práticas pedagógicas no AEE e na EJA em uma escola especializada da região metropolitana de Belém-PA**. In: *Anais do 7º Congresso Brasileiro de Educação Especial, 2016, São Carlos. Resumos...* Campinas, GALOÁ. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee7/papers/ensino-de-libras-como-primeira-lingua-%2811%29%3A-reflexoes-sobre-as-praticas-pedagogicas-no-ae-e-na-eja-em-uma-escola-especi>> Acessado em: 12 de Maio de 2018.

BATTISON, R. **Phonological deletion in American Sign Language**. *Sign Language Studies*, 5, 1974, 1-19.

BOTELHO, Paula. **Linguagem e letramento na educação dos surdos – Ideologia e práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

BRASIL. **Decreto nº. 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o Art. 18 da Lei nº. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Ministério da Educação. 11ª Ed., 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acessada em: 10 de Maio de 2018.

BRASIL. **Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e dá outras providências. Brasília, 2002.

BRASIL. **Lei nº. 13.146, de 06 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acessada em: 10 de Maio de 2018.

COSTA, Walber Christiano Lima da. **O ensino de matemática na educação inclusiva: uma análise da formação de professores.** 2017, 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia). Universidade do Estado do Pará. Belém – Pará, 2017.

FERNANDES, Eulália. **Bilinguismo e surdez: a evolução dos conceitos do domínio da linguagem.** In: Fernandes, E. (org). Surdez e Bilinguismo. Porto Alegre, Mediação p 7-26, 2005.

FERNANDES, Sueli. **Práticas de Letramento na Educação Bilíngue para Surdo.** São Paulo: Plexus, 2003.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos.** In: Revista Paidéia, 2003,12(24), 149-161. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04>. Acessado em: 07 de Dezembro de 2018.

HUSSEERL, Edmund. **A filosofia como ciência de rigor.** Coimbra: Atlântida, 1965.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; LODI, Ana Claudia Balieiro. **A inclusão escolar bilíngue de alunos surdos: princípios, breve histórico e perspectivas.** In: Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Ana Claudia Balieiro Lodi, Cristina Broglia Feitosa de Lacerda (organizadoras) – 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

SÁ, N. R. L. **Educação de surdos: a caminho do bilingüismo.** Niterói/RJ: EDUFF, 1999.

STOKOE, W. **Sign Language Structure.** Silver Springs, Maryland: Linstok Press, 1960.